



Alexandra Manes

## A escada de Vale dos Judeus

Os Serviços Prisionais integram uma área de soberania do Estado, decisiva para a manutenção de um Estado de direito democrático. A recente fuga, a maior tragédia vivida nestes Serviços nas últimas décadas, é um sinal da situação de decadência e crise em que mergulhou a República.

Se pensarmos na situação em que se encontra o SNS, a Educação, a Habitação, a Justiça, colhemos uma imagem tremenda de um país a falhar os seus deveres fundamentais. Não admira que as forças políticas extremistas e xenófobas cresçam no ambiente de pessimismo instalado.

O Estabelecimento Prisional de Vale de Judeus tem os mais altos muros periféricos do país, mas seis minutos bastaram para que cinco detidos ultrapassassem os obstáculos supostamente insuperáveis. A cadeia tinha um historial de fugas através de túneis, inovou agora com uma fuga original: sobre os muros.

É curioso ver como os paninhos quentes, colecionados pelos governantes, surgiram para acomodar este momento trágico: a baixa taxa de fugas, o rácio de guardas por recluso superior à média europeia, e outros analgésicos similares, conseguiram passar incólumes à crítica severa que tem de ser feita à República na gestão da coisa prisional.

Um país como Portugal não tem recursos para manter quarenta e nove estabelecimentos prisionais. O drama maior dos Serviços Prisionais, nunca verdadeiramente enfrentado, é o parque penitenciário multicéfalo, obsoleto e anacrónico que polvilha um pequeno país como o nosso, onde se incluem edifícios do século XIX (Ponta Delgada) e cadeias minúsculas (Chaves, Lamego Torres Novas, Silves, Olhão, Covilhã, entre outras), absolutamente disfuncionais.

Munir todos estes estabelecimentos prisionais de guardas, meios de segurança e vigilância, técnicos, viaturas, administrativos, pessoal de

saúde, psicólogos e dirigentes é um encargo a que o Estado não responde.

Não se vislumbra, porém, vontade política para racionalizar o parque penitenciário, para agrupar recursos e diminuir encargos...

Como dizia o famoso general romano, somos um povo que não se governa nem se deixa governar e não pensemos que este assunto é estranho à nossa Região. A incapacidade do Estado para investir e reformar um sistema disfuncional, que maltrata os reclusos e permite fugas escabrosas como a recente, reflete-se diretamente nos Açores.

Ao estranho negócio de desbaste da bagacina, soma-se a absoluta incapacidade de a República investir na nova cadeia, prometida há anos, em São Miguel, de que não há novas nem mandados.

Os reclusos da nossa região, que são seres humanos e têm o direito de ser tratados com dignidade, vão continuar por muitos anos no velho estabelecimento de Ponta Delgada, que oferece alojamentos e tratamento penitenciário capazes de fazer corar qualquer pessoa de bem.

Do Estabelecimento Prisional da Terceira também já se falou. A humidade, os colchões, a dificuldade no acompanhamento médico. Qual será o estado do circuito interno de vigilância?

É a incapacidade da República em gerir os seus Serviços Prisionais a desabar com toda a dureza sobre a Região. Temos ouvido a voz dos nossos governantes reclamando da República que cumpra os seus deveres, já que aqui também somos filhos da República e que dê passos concretos no sentido de se construir a prometida cadeia de São Miguel? A resposta é negativa, pois como sabemos, Bolieiro não tem tempo para minudências, certamente.

Até quando a incapacidade da República em assumir as suas responsabilidades nos vai penalizar?

Montenegro veio com tudo, mas a nada se resumiu.

## Rui Santos lança o seu primeiro livro na Biblioteca Municipal Tomaz Borba Vieira

A Biblioteca Municipal Tomaz Borba Vieira irá acolher, no dia 19 de Setembro, pelas 16h00, o lançamento do primeiro livro de Rui Santos «A tartaruga que adora fruta e o esquilo egoísta», editado pela Cordel d'Prata. A apresentação da obra estará a cargo de Margaridas Benevides.

O autor é natural de Ponta Delgada (n. 16 de Setembro de 1983) e reside, há quatro anos, na vila de Água de Pau. É animador sociocultural, trabalhando com um público em extrema exclusão social. Sempre gostou de escrever, sobretudo poesia, como forma de catarse. Apreciador de literatura e filosofia, actualmente, encontra-se a terminar a licenciatura em Psicologia.

Editado pela Cordel d'Prata, o autor dedica a obra à sua filha, para quem criou a história editada agora em livro. Rui Santos confessa que o próprio interesse pela literatura infanto-juvenil se deve à filha que, desde cedo, se revelou uma voraz apreciadora de contos infantis, transmitindo essa paixão ao pai que, por sua vez, sentiu a necessidade de criar histórias para a filha. As ilustrações são da responsabilidade da editora Cordel d'



Prata, mais propriamente de Henrique Malon.

De referir que a cerimónia de apresentação do livro, organizada pela Câmara Municipal de Lagoa, através da sua Biblioteca Municipal, é dirigida a toda a comunidade e instituições socioculturais e educativas, incentivando a promoção da leitura e o hábito de frequentar espaços culturais, como as bibliotecas.

## Empreitada de construção da Casa Mortuária da Matriz decorre a bom ritmo

As obras de construção da Casa Mortuária da Matriz estão a decorrer a bom ritmo, situação confirmada no local pelo presidente da Câmara Municipal da Ribeira Grande, Alexandre Gaudêncio, que esteve de visita ao local, no dia 12 de Setembro.

“Esta empreitada era reivindicada há vários anos pela população da cidade, que até ao momento utiliza as ermidas para os funerais dos seus entes. Com esta nova Casa Mortuária pretende-se dar conforto e dignidade àqueles que se despedem pela última vez das pessoas que lhes são queridas.” afirmou o autarca.

Na visita, que contou com a presença do vice-presidente da autarquia, Carlos Anselmo, do presidente da junta da Matriz, André Mendonça e do pároco Manuel Galvão, foi possível constatar que os trabalhos estão a decorrer dentro do previsto.

Recorde-se que a empreitada foi adjudicada em Dezembro de 2023, à empresa Conduril Engenharia - Açores S.A., após concurso público, no montante global de 450.000€ + IVA,



pelo prazo de execução de um ano.

Trata-se de um edifício de um piso, localizado na zona sul do cemitério de Nossa Senhora da Estrela, com capacidade para cerca de 110 pessoas, composta por um vestíbulo, duas salas mortuárias, uma copa de apoio, instalações sanitárias, uma sala de sacerdote e arrecadação.